

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 26
(ABR-JUN)
2017
PP. 33-44.

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Shirley Maria Mendonça
Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás - UEG
smm164908@gmail.com

Maurineide Alves da Silva
Professora Doutora na Universidade Estadual de Goiás – UEG
maurineidealves@yahoo.com.br

RESUMO

O surgimento das religiões de matriz afro no Brasil se processou no ambiente das senzalas, quando escravos encontraram no culto aos seus orixás, uma forma de resistir. Após o período da escravidão, a religião se tornou elemento importante para a formação do indivíduo, sendo responsável por desenvolver e aguçar os preceitos culturais e étnicos dos afrodescendentes dentro da sociedade brasileira. Porém, o racismo promove o processo de desacreditar e desvalorizar os valores culturais afro, impondo um clima de desconfiança e medo em relação às religiões e outras formas culturais. Uma intolerância forjada dentro de paradigmas de uma cultura euro centralizada e que minaram as possibilidades de diálogo entre os diferentes grupos étnicos que constituem nossa sociedade. Essa falta do diálogo que promoveria o respeito à diversidade religiosa, tem como principal vítima o afrodescendente brasileiro, que por sua condição dentro da história do país, tem todas suas práticas culturais inferiorizadas.

Palavras-chave: Religião; Afro-brasileiros; Intolerância religiosa.

ABSTRACT

The emergence of Afro-Brazilian religions took place in the slave quarters, when slaves found in the worship of their orixás a way of resisting. After the period of slavery religion became an important element for the formation of the individual, being responsible for developing and sharpen the cultural and ethnic precepts of Afrodescendants within Brazilian society. However, racism promotes the process of discrediting and devaluing Afro cultural values, imposing a climate of distrust and fear in relation to religions and other cultural forms. An intolerance forged within the paradigms of a centralized euro culture and that have undermined the possibilities of dialogue between the different ethnic groups that constitute our society. This lack of dialogue that would promote respect for religious diversity, has as its main victim the Afrodescendant Brazilian, who, due to its condition within the country's history, has all its cultural practices inferiorized.

Keywords: Religion; Afro-Brazilians; Religious intolerance.

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

INTRODUÇÃO

A relação entre o Brasil e a África vai muito além do tráfico negreiro e da escravidão, que marcou a história do Brasil como um dos momentos mais cruéis e miseráveis da existência humana. Pode se verificar, nesse contexto, que os negros foram essenciais para a formação cultural da nação brasileira, com seus costumes, linguagem e cultos religiosos, que nos fizeram entender a extraordinária cultura africana. Como afirma, Souza (2002):

Ao serem arrancados de seus lugares de origem e escravizados, ao deixarem de pertencer a um grupo social no qual construíam suas identidades, ao viverem experiências de grande potencial traumático, tanto físico como psicológico, ao transporem a grande água e terem que se dobrar ao jugo dos senhores americanos, os africanos eram compelidos a se integrarem, de uma forma ou de outra, às terras às quais chegavam. Novas alianças eram feitas, novas identidades eram percebidas, novas identidades eram construídas sobre bases diversas: de aproximação étnica, religiosa, da esfera do trabalho, da moradia. Assim, reagrupamentos étnicos compuseram “nações”, pescadores e carregadores se organizaram em torno das atividades que exerciam, vizinhos consolidaram laços de compadrio e se juntaram cultuadores dos orixás, os que faziam oferendas aos antepassados e

recebiam entidades sobrenaturais sob o toque de tambores. (SOUZA, 2002, p. 128)

O surgimento das religiões de matriz afro no Brasil se processou no ambiente das senzalas, quando escravos encontraram no culto aos seus orixás, uma forma de resistir. Como defende Bastide (1971), a religião leva aos negros a esperança do fim da escravidão. Um culto proibido dentro de uma sociedade marcada pela influência da Igreja Católica e que, por isso, foi estabelecido dentro de um sincretismo entre divindades africanas e santos católicos. Esse sincretismo entre crenças católicas e africanas, transformou a cultura religiosa do nosso país. Hall (2003) ressalta que a relação entre as camadas sociais pode construir uma nova forma de cultura popular, que apresenta os traços de diversas classes sociais, dentro de um processo de luta e resistência, apropriação e expropriação. Desse modo, as tradições se cruzam em busca de estabelecer um ponto de equilíbrio, apresentando os vários aspectos de ambas “As tradições não se fixam para sempre;

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

certamente não em termos de uma posição universal em relação a uma única classe.” (HALL, 2003, p. 260).

Dentro da antropologia, vários pensadores apresentaram análises acerca das religiões de matriz afro, que muito contribuíram para expandir o conhecimento sobre as crenças e os ritos dessa manifestação cultural afro-brasileira. A Antropologia contribuiu com seu olhar para as continuidades e para as constâncias nas religiões de matriz afro, formulando teses acerca do sincretismo e do evolucionismo. Ivonne Maggie (2001) ressalta a importância de pesquisas que considerem o poder do sincretismo na construção das religiões de matriz afro:

Na medida em que autores buscavam a explicação dos traços na sua origem, não conseguiram dar conta do próprio objeto que se propunham a analisar, ou seja, o fenômeno do sincretismo. Num primeiro momento, viam os rituais sendo compostos de traços, pedaços, símbolos. No entanto, buscavam na África a explicação desses pedaços. Não perceberam que a relação entre essas partes é que dá sentido ao todo. Assim, não importava saber qual o significado de exu na África. Importava verificar o significado que lhe era dado pelas pessoas que praticavam esses rituais no Brasil e

qual a relação entre esse traço – exu - e os demais (MAGGIE, 2001, p.16)

Com a difusão das religiões de matriz afro no século XIX, o anonimato se tornou condição para sua prática. Conforme Tramonte (2012):

Em todo o país, nos primórdios do séc. XIX, quando as religiões afro-brasileiras expandiram-se, os adeptos não podiam revelar-se ou organizar-se abertamente, devido às perseguições do Estado e da Igreja, sob o medo de sofrer violência física e simbólica. A violência era oriunda dos preconceitos e, conseqüentemente, perseguições advindas da condição de marginalização e exclusão social de seus primeiros criadores: os negros africanos em situação de escravidão. (TRAMONTE, 2012, p. 273).

Tramonte (2012) ressalta que a Igreja Católica não aceitava as crenças às divindades que não fossem do cristianismo, e, com isso, promoveu perseguições a todos aqueles que desobedecessem aos seus dogmas. A Igreja pregava que os adeptos dos cultos não cristãos, eram indivíduos contrários à vontade de Deus e deviam ser excluídos da convivência em sociedade. A falta de

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

conhecimento dos indivíduos em relação às religiões de matriz afro e a diferença dos seus dogmas dos da Igreja Católica, principalmente a crença na existência em vários deuses e não em um Deus único como na tradição cristã, cimentou o preconceito contra essas religiões. Sobre o preconceito, Sá Junior (2011) defende que:

O tratamento inferiorizante à religião africana, bem como a toda sua história, demanda de um momento em que os responsáveis de construir uma identidade nacional, buscavam como personagens principais os membros da aristocracia rural brasileira, os quais se assemelhavam aos civilizados europeus, cabendo aos negros, índios, pobres brancos e mestiços um papel de coadjuvantes. (SÁ JUNIOR, 2011, p. 48).

O preconceito acerca das religiões afro, leva indivíduos a cometerem atos de violência contra os membros desses credos religiosos. Na maioria dos casos, a violência ocorre porque não se conhece o contexto que é desenvolvida tais atividades religiosas. Segundo Serra (2007):

Quem primeiro sofreu ataques foi a umbanda, principalmente no Rio de Janeiro, onde ela prevalece entre os ritos

congêneres [...]. Pode-se mesmo dizer que essas novas igrejas cresceram parasitando a umbanda, usando contra estes elementos do seu próprio repertório simbólico, de suas crenças, de sua liturgia. Elas se empenharam em usar a umbanda, e logo o candomblé, como referência negativa, de modo a angariar-lhes inimigos e disputar-lhes os fiéis, explorando o temor à 'magia negra'. (SERRA, 2007, p. 72)

Analisando aspectos que caracterizam o racismo, entendemos que este promoveu o processo de desacreditar e desvalorizar os valores culturais afro, impondo um clima de desconfiança e medo em relação às religiões e outras formas de cultura africana, sendo que promovem, também, o afastamento de afrodescendentes de suas crenças, apagando de sua identidade aspectos tão relevantes na sua formação cultural. O preconceito às práticas religiosas afro reforça o racismo e é intensificado por ele. Uma intolerância forjada dentro de paradigmas de uma cultura euro centralizada e que minaram as possibilidades de diálogo entre os diferentes grupos sociais que constituem nossa sociedade. Essa falta de diálogo que promoveriam o respeito à diversidade religiosa, tem como principal vítima o afrodescendente brasileiro, que

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

por sua condição dentro da História do país, tem todas suas práticas culturais inferiorizadas.

A cultura ligada aos afrodescendentes pode enfraquecer ao longo dos tempos, em virtude da falta de leis rígidas que impeçam que o adepto das religiões afro seja diariamente atingido de forma verbal ou até vias de fato por estar praticando sua opção religiosa. Segundo Oliveira (2003):

Os ritos afro-brasileiros formam um espectro rico e matizado. Não obstante essa variedade, é muito o que eles têm em comum, por causa de ligações de origem e também por conta de aproximações feitas neste país: a diáspora negra nos trouxe as riquezas religiosas de diferentes tradições, que aqui se combinaram e se abriram a outros influxos. No século passado (em especial na sua segunda metade), com a retração das distâncias propiciada pela aceleração dos contatos, aprofundou – se mais a comunicação entre muitos desses cultos, produzindo uma interpenetração que gerou novos desenvolvimentos. (OLIVEIRA, 2003, p. 53)

Ao falarmos das religiões afro-brasileiras, surge a necessidade de traçar um panorama, levantando como estas surgiram e de que forma levaram a se inserir na cultura

brasileira. Nessa perspectiva, podemos citar o candomblé e a umbanda como principais religiões de matriz africana.

As religiões de matriz africana como a Umbanda e o Candomblé têm como finalidade o respeito à ancestralidade e a preservação do equilíbrio da natureza, sendo este um dos elementos que as tornam diferenciadas. Os cultos são realizados na intenção de homenagear os antepassados e os feitos que eles realizaram para o crescimento e a difusão dessas religiões. Nesse universo cultural africano notamos a crença na interação de todas as energias que giram em torno do universo, em constante dinamismo, e que geram consequências pragmáticas para a sociedade. As sociedades africanas buscam manter o equilíbrio com a natureza, afim de manter a vida e o bem-estar do grupo social. Os rituais religiosos, portanto, buscam, também, a preservação dos princípios essenciais da vida e do equilíbrio da natureza e, conseqüentemente, a prosperidade humana.

Ao analisar as religiões de matriz africana se faz necessário entender qual o princípio defendido por cada uma,

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

como levam seus seguidores a terem uma vida terrena mais próspera, desfrutando de forma plena a sua passagem por esse plano. Religiões afro como o Candomblé e a Umbanda, não se preocupam com a salvação da alma dos seus adeptos, pelo contrário, se preocupam com os problemas enfrentados em vida e com tudo ligado à permanência do ser humano nesse plano, como a preservação das forças da natureza e do bem-estar do grupo social.

Para entender o candomblé e o seu desenvolvimento na sociedade brasileira, analisamos como este foi trazido por escravos e transformado dentro do processo de sincretismo cultural. De acordo com Costa (2010):

O Candomblé é o resultado da preservação dos cultos ancestrais aos orixás dos distintos povos africanos traficados e escravizados no país. Conforme a composição majoritária de cada grupo, os candomblés vão se diferenciar em nações. Assim, temos Candomblé de Ketu para os grupos da Nigéria e do Benim de língua yorubá; Candomblé Jeje, Efon e Ijexá, também do Benim e Candomblé de Angola que abrange os povos do grupo linguístico banto. (COSTA, 2010, p.29).

Assim foi trazido o candomblé para o Brasil, de uma diversidade de práticas de diferentes grupos étnicos africanos, como ressalta Prandi (1991):

o candomblé dessas casas baianas mais estudados no período que vai de 1890 a 1970 popularizou-se com o nome de candomblé queto, por suas ligações históricas e afetivas com o antigo reino iorubá da cidade de Queto, em região hoje pertencente à República do Benin, embora o culto seja mesclado de elementos de outras religiões iorubanas da Nigéria e de procedência africana não iorubá, além do sincretismo católico, é claro. (PRANDI, 1991, p.17)

O candomblé, assim como outras religiões de matriz afro, foi perseguido inicialmente pela Igreja Católica, que temia o contato da sociedade com tais cultos africanos. Em muitos casos a Igreja exigia que quem desrespeitasse seus dogmas fossem perseguidos e presos, sendo julgados como hereges. Diante dos riscos, os escravos realizavam seus cultos de madrugada, em locais afastados para não chamar a atenção.

Assim, de forma sigilosa, o candomblé ganhou força e adeptos, tornando-se opção para aqueles que rejeitavam o

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

conservadorismo e a rigidez dos dogmas cristãos. Os candomblecistas cultuam os orixás, seres que surgem das forças da natureza: terra, fogo, água e ar, e são responsáveis pela manutenção da vida humana. De acordo com Souza (2006):

outro conjunto importante de práticas e crenças mágico-religiosas de matrizes africanas que germinou no Brasil foram os candomblés, sendo do século XIX as primeiras referências a eles. Apesar de o termo pertencer à língua banto, no Brasil se refere a cultos religiosos de origem iorubá e daomana. Neles, as principais entidades sobrenaturais são os orixás, quando a influência iorubá é maior e voduns, quando a influência daomeana se destaca. Na Bahia, os iorubás também ficaram conhecidos como nagôs, e os daomeanos como jejês. (SOUZA, 2006, p. 115)

Os orixás são forças que não possuem corpo material, mas estão presentes e são responsáveis por manter o equilíbrio cósmico entre todos os seres em relação ao universo. Portanto, para se manifestarem, os orixás incorporam em pessoas, durante as cerimônias e, dessa forma, levam os seus ensinamentos aos seus adeptos. Dentro do candomblé, os

orixás são os deuses supremos. São seres imateriais, com sua própria personalidade e com habilidades distintas, as quais põem em prática durante os cultos ritualísticos. São exigentes, não incorporam em qualquer adepto, procuram pessoas com aspectos corporais que lhe agradem e possam suportar a energia que eles emanam.

Com o aumento do número de adeptos, houve a necessidade de criar um ambiente mais propício para a prática dos cultos e rituais ligados ao candomblé. Foram criados templos denominados casas, roças ou terreiros, alguns comandados por uma linhagem de mulheres conhecidas como matriarcas, onde somente elas poderiam assumir a liderança dos cultos, e outras dirigidas apenas por homens. O terceiro tipo de casa é conhecida como mista, nas quais ambos os sexos poderiam comandar, dependendo apenas dos orixás que iriam incorporar.

O início dos cultos sempre se dá pelo despacho do Exu, que é realizado em forma de dança, enquanto o tambor é tocado para que o ritmo tome conta da casa, e os orixás

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA,
SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

incorporemⁱ. Tal ritual dura no mínimo duas horas. Segundo Teixeira (1994), durante a manifestação do candomblé, a ação divina acontece, quando os orixás incorporam, realizando um tipo de extensão entre a pessoas e as forças naturais. Dessa forma, “O corpo, em sua plenitude, constitui-se num centro de forças que devem estar unidos em relação de equilíbrio complementar, resultado da coerência estabelecida entre o humano e o divino, entre o natural e o sobrenatural” (TEIXEIRA, 1994, p. 142). Durante a incorporação, acontece uma espécie de intervenção terapêutica, que vai ser fundamental para que haja uma boa relação entre o mundo físico e espiritual. Nesse sentido, “adquirir; manter e recuperar axéⁱⁱ são (...) procedimentos de saúde (...) estratégias profiláticas e terapêuticas que asseguram um estado de sanidade amplo e irrestrito” (TEIXEIRA, 1994, p. 56).

O candomblé, assim como outras religiões afro, tem conseguido cada vez mais respeito devido a mobilização de candomblecistas e do movimento negro no Brasil, que lutam

para que seus cultos afro sejam praticados sem medo de represália. De acordo com Oliveira (2003):

Um ponto muito importante para a afirmação do candomblé contra os preconceitos e que o coloca em um patamar de igualdade com outras religiões e tradições é a educação interna. É dentro de cada casa, na integração de cada iniciado com o sentido do fundamento daquilo que pratica, que está a base de tudo. A força para o candomblé se afirmar, assim como para qualquer outra religião, é estar bem seguro de suas crenças e cuidar para que a fé em seus ensinamentos seja bem transmitida. Assim é possível estabelecer diálogos, respeitar o diferente e afirmar – se em relação a outras religiões. (OLIVEIRA, 2003, p. 19)

Dessa forma, a conscientização do candomblecista é fundamental na luta contra o preconceito, já que entender o sentido de sua prática religiosa e estar seguro de sua fé, lutando para transmitir tal conhecimento é o caminho para se estabelecer um diálogo com os diferentes grupos sociais. Em muitos casos a religião se torna elemento importante para a formação do indivíduo, sendo responsável por desenvolver e aguçar os preceitos culturais e étnicos de diferentes grupos dentro da sociedade. Para Bastide (2001), o candomblé não

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA, SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

pode ser visto unicamente como uma religião, mas, também como uma filosofia de vida que envolve uma complexidade de valores e conhecimentos: “é preciso mostrar que esses cultos não são um tecido de superstições, pelo contrário, subtendem uma cosmologia, uma psicologia e uma teodiceia, enfim, o pensamento africano é um pensamento culto” (BASTIDE, 2001: 24).

Analisar o surgimento e os aspectos que constituem o candomblé afro-brasileiro é, portanto, um processo complexo. Segundo Capone (2004):

Sem dúvida alguma, escrever sobre o candomblé é um empreendimento perigoso, de múltiplas armadilhas. Há muitos predecessores ilustres e obras que veremos, apresentam apenas uma das múltiplas formas desse fenômeno religioso. E há muito se tem o sentimento de que nada de novo pode ser dito sobre esse campo, talvez um dos mais explorados pela antropologia religiosa (CAPONE, 2004, 7).

Constatando a necessidade de se buscar um entendimento entre a sociedade e os membros das religiões afro, grupos de defensores dos direitos humanos começaram a

lutar pela implantação de leis rígidas que promovessem a inclusão e aceitação da diversidade religiosa na sociedade. Essa luta se evidenciou por vários embates que culminaram com leis estabelecidas na constituição de 1988, a qual garantia a todo o indivíduo o direito de praticar suas atividades religiosas. A Constituição Federal de 1988 prevê no artigo 5º direitos considerados fundamentais para que o ser humano possa viver com dignidade. Dentre estes direitos destaca-se a liberdade religiosa, direito de primeira dimensão assegurado constitucionalmente no inciso VI, da seguinte forma: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.”

Com a lei, foi possível estabelecer regras e regulamentar as religiões afro, afim que houvesse um maior respeito por parte da sociedade, e através dessa nova conquista o número de adeptos cresceu consideravelmente, se tornando uma das mais procuradas por pessoas que não tinham crenças.

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA,
SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

Além disso, medidas governamentais são implementadas nas escolas afim de ensinar às crianças o respeito à diversidade cultural e religiosa de cada cidadão. Silva (2004) ressalta o papel da educação no que diz respeito às religiões afro:

Educar é ensinar a compreender, experimentar e respeitar as diferenças. O ensino é estudo responsável sobre religião e devem ser multidisciplinares e multiculturais, sem valorizar, por exemplo, certos padrões que a cultura ocidental e burguesa coloca como universais e superiores. (SILVA, 2004, p. 9)

Dentro desse panorama, verificamos que a introdução de conteúdos que promovem o respeito à diversidade na educação, leva a um maior conhecimento sobre a cultura afro no Brasil e, conseqüentemente, das religiões de matriz afro, até porque, quando se promove conhecimento, quebram-se os preconceitos.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: Rito Nagô**. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Catimbó**. In: **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**, Reginaldo Prandi, organizador, Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- CAPONE, Stefania. (2004). **A Busca da África no Candomblé: Tradição e Poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Pallas, 2004.
- COSTA, Hildete Santos Pita. **Os gestores da informação, a educação plural e os acervos culturais afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Revista África e Africanidades, ano 3, n.9, maio 2010.
- COSTA, S. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- HALL, Stuart. **Notas sobre a desconstrução do popular**. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 247-264.

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA,
SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

MAGGIE, Yvonne. **Guerra de Orixá: Um Estudo de Ritual e Conflito**. 3ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Candomblé: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa**/ Rafael Soares de Oliveira (org.) – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PRANDI, Reginaldo. Congresso realizado pela ALER – Associação Latino Americana para o Estudo das Religiões, 3 a 7 de julho de 2006, São Bernardo do Campo. _____. **Os Candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: Hucitec, 1991.

SÁ JUNIOR, Mário Teixeira de. **Os discursos de controle sobre as práticas religiosas afrobrasileiras na república (1889/1950)**. Revista brasileira de história das religiões. Anpuh, ano III, n. 9, 2011. p. 41-74.

SERRA, Ordep. **O candomblé e a intolerância religiosa**. In: **Candomblé: diálogos fraternos para superar a intolerância religiosa**. Rio de Janeiro: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero - uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Eliane Moura. **Religião, diversidade e valores culturais: Conceitos teóricos e a educação para a cidadania**. Revista de estudo da religião, nº2, 2004, p. 1-14.

SMITH, Colin. *Convivencia* in the Estoria de España of Alfonso X, Hispanic Medieval Studies in Honor of Samuel G. Armistead In: Madison, 1992. **Atas...** Madison: Hispanic Seminar of Medieval Studies, 1992, p. 291-301.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

TEIXEIRA, M.L.L. **A encruzilhada do ser: representações da loucura em terreiros de Candomblé**. São Paulo, 1994. [Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo]

TRAMONTE, Cristiana. **Ciência ou fé? Religiões afro-brasileiras e práticas de saúde popular**. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido. (Orgs.). **Espiritismo e**

AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA,
SHIRLEY MARIA MENDONÇA & MAURINEIDE ALVES DA SILVA

religiões afrobrasileiras: história e ciências sociais. São Paulo, 2012. p. 271-290.

UTRILLA UTRILLA, Juan Fernando. Conquista, guerra santa y territorialidad en el reino de Aragón: hacia la construcción de un nuevo orden feudal – 1064 – 1194. In: SARASA SÁNCHEZ, Esteban (Org.). **Las Cinco Villas aragonesas en la Europa de los siglos XII y XIII de la frontera natural a las fronteras políticas y socioeconómicas (foralidad y municipalidad).** Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2007.

NOTAS

ⁱOs ritos do candomblé não podem ser confundidos com os da umbanda. Enquanto o primeiro preza-se pela incorporação de espíritos ligados à natureza; no segundo essa incorporação é feita por espíritos encarnados ou desencarnados.

ⁱⁱA força sagrada de cada orixá, que se revigora, no candomblé, com as oferendas dos fiéis e os sacrifícios rituais.

Recebido em: 06/06/2017.

Aprovado em: 30/07/2017.

Publicado em: 28/08/2017.